

Maria da Penha

Lei faz 10 anos e reduz em 10% crimes contra a mulher

Alexandre Nunes
alexandrenunes@gmail.com

Criada com o objetivo de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, a Lei Maria da Penha chega aos 10 anos de existência cumprindo o importante papel de diminuir a impunidade e de estimular as mulheres a denunciarem seus agressores. A secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Gilberto Soares, comenta que dados do Ipea de 2015 apontam que a Lei Maria da Penha fez diminuir em 10% a taxa de homicídios contra as mulheres dentro de suas casas, o que significa que a lei é responsável pela redução das mortes resultantes de violência doméstica. "Considero que é um avanço para o Brasil ter uma legislação que proporciona a redução dos ciclos de violência que se repetem ao longo da relação", complementa.

Só de 2015 até junho de 2016 foram solicitadas, através das Delegacias da Mulher do Estado da Paraíba, um total de 5.218 medidas protetivas de urgência. Na Paraíba, são 12 Delegacias da Mulher, distribuídas nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Picuí, Patos, Sousa, Cabedelo, Bayeux, Guarabira, Cajazeiras, Monteiro e Santa Rita, além de dois Núcleos de Atendimento à Mulher, um no município de Queimadas e outro em Esperança.

A juíza titular do Juizado de Violência Doméstica de João Pessoa, Rita de Cássia de Andrade considera que as delegacias são as portas de entrada do processo. Sendo comum a mulher procurar primeiro a delegacia para registrar os seus reclames. "As delegacias constituem elemento instrumental no en-



FOTO: Secom-PB

Gilberto considera que a Lei Maria da Penha, no papel, é completa e efetiva e tem aspecto educativo, mas é preciso haver mais avanços

frentamento à violência doméstica", destaca. Além das delegacias e policiais especializados em violência contra a mulher e de toda uma rede de proteção que aglutina equipamentos públicos e instituições, num trabalho intersetorial articulado pela Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, atualmente, as mulheres contam, na Paraíba, com Centros de Referência, Promotoria da Mulher, Casas-abrigo e dois Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, um em João Pessoa e outro em Campina Grande.

Nos demais municípios, os processos da Lei Maria da Penha tramitam em Varas Criminais. Segundo dados

de 2016, o Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, de João Pessoa, tem atualmente 8.637 processos ativos, tendo sido concedidas 2.038 Medidas Protetivas e exarada 1.777 sentenças. Em Campina Grande, o número de processos ativos é de 2.845, com 423 sentenças prolatadas.

Já os dados do Mapa da Violência, também apontam que a legislação teve um impacto positivo sobre os crimes. E confirmam que enquanto o índice de crescimento do número de homicídios de mulheres no Brasil foi de 7,6%, ao ano, entre 1980 e 2006, quando a lei entrou em vigor, o crescimento caiu para 2,6%, ao ano, entre 2006 e 2013. Des-

taca-se a popularidade da Lei que alcançou índices de 96% de conhecimento na população brasileira.

Na opinião de Gilberto Soares é interessante observar que ainda é preciso avançar na ampliação dos serviços de atendimento e prevenção para que os índices continuem caindo.

"Entendendo que o fenômeno da violência doméstica ultrapassa questões que ultrapassem uma visão dualista do mundo, isto quer dizer que precisamos de um olhar mais transversal e políticas mais amplas, que contemplem a complexidade do tema e proporcione uma mudança de cultura nos relacionamentos afetivos", observa. Ela considera que a Lei Maria da

Penha é um exemplo para muitos países, pois no papel é bastante completa, efetiva e destaca-se pelas medidas protetivas à mulher e pelos seus aspectos educativos na perspectiva da prevenção.

"No entanto, mensurar os acertos da lei está associado às convicções dos operadores do Direito. Mas o Direito não é algo estático e perfeito, como algumas Ciências Exatas, ele é interpretativo e, por vezes, as interpretações não coadunam, além de passar pelo crivo de pessoas que possuem suas próprias convicções, que acabam por vezes prejudicando a efetiva aplicação da lei, o que pode deixar a entender que há fragilidades na referida lei", argumenta. A secretária da

Mulher explica que a Lei Maria da Penha tem inibido os agressores e ajudado a diminuir os índices de violência contra a mulher. "A Lei Maria da Penha, diferente de outras leis existentes em nosso País, não tem apenas o caráter punitivo, mas também educativo e preventivo. No entanto, ainda é a punição que mais inibe os agressores na prática da violência. Não obstante, sabemos também que somente a lei não será capaz de coibir, como um todo, esse tipo de violência. Este é um desafio bem maior do que a simples punição do agressor. Mentalidades devem ser modificadas, pois a cultura do machismo ainda é muito forte em nosso País", assegura.

Gilberto ressalta que as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM) da Paraíba tem grande importância não só na aplicação da Lei Maria da Penha, mas também para o trabalho de prevenção e educação da sociedade como todo, por meio de palestras, seminários, fortes parcerias com diversos setores da gestão pública, universidades, movimentos de mulheres e todos que trabalham no combate à violência contra a mulher.

"Focando no trabalho específico nas delegacias, podemos afirmar que houve mudanças significativas, como adequação dos espaços de atendimento, capacitações continuadas com todo o efetivo das DEAMs, assim como a criação da Coordenadoria das DEAMs. Tais mudanças contribuíram de forma enérgica para que o serviço oferecido à sociedade seja efetivado com seriedade, competência e, sobretudo, com o atendimento humanizado ao público", destaca.

Mais visibilidade aos casos e denúncias

Com a Lei Maria da Penha, sem dúvida, hoje, a violência doméstica e familiar têm uma visibilidade bem maior. É o que observa a secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Gilberto Soares.

"Antes da Lei, a violência doméstica e familiar era um problema de caráter privado. Hoje, se trata de um problema público, melhor dizendo, um crime, que deve ser enfrentado e combatido pelo poder público, pelo Judiciário e pela sociedade.

A violência contra a mulher, antes do advento da Lei Maria da Penha, era considerada um crime de pequeno potencial ofensivo, o que possibilitava ao agressor fazer transações penais, onde a pena era trocada por cestas básicas, prestação de serviços em comunidade ou, até mesmo, pela suspensão do processo, o que significava total impunidade", relata.

Ele acrescenta que, com isso, as mulheres sabiam que esses homens ficariam soltos e com grande possibilidade de repetir a violência, por vezes, causando danos maiores e até a morte dessas mulheres. "A partir da criação da Lei Maria da Penha, o crime de violência doméstica deixa de ser um crime de pequeno potencial ofensivo, impossibilitando qualquer tipo de transação penal, o que sig-

nifica punição a quem o comete e, conseqüentemente, maior segurança a quem denuncia. A diminuição da impunidade se constituiu num estímulo à denúncia por parte das mulheres", constata.

A juíza Rita de Cássia de Andrade, titular do Juizado de Violência Doméstica de João Pessoa, concorda que a Lei Maria da Penha permitiu uma maior visibilidade da violência doméstica em todos os estados da Federação.

"A partir do instante em que se cria mecanismos de atendimento e acolhimento das vítimas, propiciando o acesso da mulher ao sistema de justiça, segurança e saúde, é natural que haja um encorajamento para que a mulher venha a buscar os seus direitos e as suas garantias, visando a proteção da sua integridade física, moral, psicológica e patrimonial", acrescenta.

Segundo a magistrada, a Lei Maria da Penha, enquanto instrumento normativo, e com forte poder de coerção, tem imprimido manifesto temor aos agressores. "Isso é incontestável. Imagine uma sociedade que não tem o menor respeito pelas mulheres, crianças e idosos, sem leis sociais que discipline conceitos e comportamentos? Estaríamos diante do caos", comenta.

Estado realiza ação de enfrentamento

A política de enfrentamento à violência contra as mulheres vem sendo desempenhada pela Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEM-DH), que trabalha de forma a atingir todos os municípios da Paraíba, no sentido da prevenção, do combate e atendimento às mulheres em situação de violência doméstica e violência sexual.

O trabalho conta com a estrutura de equipamentos como o Centro Estadual de Referência da Mulher, em Campina Grande, e da Casa Abrigo Aryane Thais, em João Pessoa. Também são realizadas capacitações diversas, fomento à criação de órgãos municipais de políticas públicas para mulheres, políticas de acesso a linhas de créditos para autonomia da mulher, programas habitacionais, saúde da mulher, entre outras políticas que também são executadas por outras secretarias de Estado, de forma intersetorial.

A Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana tem uma atuação fundamental no fomento às redes municipais, incentivando de forma permanente a implan-

tação e implementação de redes municipais de atenção às mulheres em situação de violência doméstica e sexual, envolvendo assistência social, segurança pública, saúde, educação, além dos conselhos tutelares.

A secretária Gilberto Soares diz que também é importante ressaltar o trabalho desenvolvido pela Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Seds), por meio de um programa denominado de SOS Mulher Protegida, que tem por finalidade fazer o monitoramento das medidas protetivas de urgência, previamente deferidas pelo Poder Judiciário em favor da mulher em situação de violência doméstica e familiar.

"A mulher que se encontra em risco iminente de morte e que tem medidas protetivas concedidas pelo Judiciário recebe das Delegacias da Mulher um aparelho celular que possui um aplicativo com uma interface que apresenta três cores, pelas quais é possível saber em que situação a mulher está. As cores são verde, amarelo e vermelho, fazendo alusão à situação de risco. Em todos

os casos, a polícia é capaz de receber a solicitação da vítima e encontrá-la por meio de GPS, onde quer que esteja", detalha.

Gilberto informa que os equipamentos distribuídos pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria da Segurança e da Defesa Social, são capazes de ligar as vítimas diretamente ao Centro Integrado de Operações Policiais (Ciop) e à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), em tempo real.

"No tocante a mudança de mentalidades, a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEM-DH) realizou várias campanhas educativas dirigidas à população, com incentivo à denúncia, valorização da mulher, divulgação de serviços, entre outras. A SEMDH tem apoiado a família de mulheres vítimas de violência doméstica e sexual, incentivando a mobilização social para criação de um ambiente favorável, na opinião pública, para a punição de agressores e crítica ao machismo na sociedade", conclui.

Continua na página 18

LEI MARIA DA PENHA

Direitos humanos em salas de aula

Juíza diz que inclusão vai propiciar uma sociedade mais justa e igualitária

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Na opinião da juíza Rita de Cássia, a Lei 11.340/2006 representa um divisor de águas na proteção e garantia dos direitos humanos das mulheres. "Desde a década de 1970, o movimento feminista vinha denunciando a absolvição de maridos, amantes, namorados, que agrediram, e assassinaram suas mulheres, como a manifestação mais presente de uma sociedade patriarcal movida pela dominação masculina e a exploração às mulheres, caracterizando esses fatores como formas perversas e nocivas de violência doméstica", relata.

Ela reitera que a Lei Maria da Penha representa um grande avanço na luta pelo direito de viver sem violência. Mas, segundo a magistrada, apesar disso, ainda são identificados altos índices de violência contra mulheres em todos os estados da Federação e no Distrito Federal, necessitando, ainda, da implementação de políticas públicas direcionadas à promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de respeito à dignidade da pessoa humana, com a perspectiva de gênero e de raça



FOTO: Divulgação

Rita de Cássia também vê a necessidade de incluir nos currículos escolares de todos os níveis de ensino conteúdos relativos à equidade de gênero, de raça e etnia

ou etnia. "Necessitamos colocar nos currículos escolares, em todos os níveis de ensino, conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher, pois só assim con-

seguiremos conquistar uma sociedade mais justa, igualitária e humana", frisa.

Rita de Cássia acrescenta que muitos foram os acertos da Lei 11.340/2006, na sociedade brasileira, que, segundo ela, ocorreram através de políticas públicas im-

plementadas em todas as esferas do poder público, com destaque para a criação de uma Justiça especializada de atendimento e acolhimento à mulher vítima de violência – Juizados Especiais, Delegacias da Mulher, Secretarias da Mulher em estados e mu-

nicipios, Centros de Referência da Mulher, Promotoria da Mulher, Casas-abrigo, etc. "Na esfera legislativa tivemos também consideráveis avanços a exemplo da Lei 13.104/2015 que cuida do feminicídio, homicídio de mulheres em razão do gêne-

ro, discriminação ou menosprezo, aumento da pena nos crimes de lesão corporal de natureza leve; e ainda está em curso, no Congresso Nacional, um projeto de lei para aumento da pena para as agressões de natureza psicológica", informa.

Campanha do TJ agiliza julgamento de processos

Nos últimos seis meses, 1.477 sentenças foram proferidas e 2.308 decisões foram aplicadas, tendo como base a Lei Maria da Penha, a partir da Campanha Justiça pela Paz em Casa - nossa justa causa, do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba (TJPB).

A juíza Rita de Cássia explica que a Campanha Justiça pela Paz em Casa, é de iniciativa da ministra Cármen Lúcia Antunes Rocha, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), e que foi prontamente acolhida pelo

Tribunal de Justiça da Paraíba, através do seu presidente, o desembargador Marcos Cavalcanti de Albuquerque, que, segundo a magistrada, não tem medido esforços para atender a todas as fases da campanha, que visa prioritariamente a instrução e julgamento dos processos da unidade judiciária, objetivando uma maior celeridade e a entrega da prestação jurisdicional sem retardo.

Rita de Cássia informa que o Tribunal de Justiça segue para

a 5ª fase da campanha, que acontece no período de 15 a 19 de agosto em curso. Ela acrescenta que, na oportunidade, serão colocados em pauta 300 processos, designados cinco magistrados e servidores para atuarem em regime de esforço concentrado, cujo evento acontecerá no Fórum Regional de Mangabeira.

A juíza revela ainda que o Tribunal de Justiça da Paraíba, atendendo o que determina a Lei 11.340/2006, bem como a

Resolução 138 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), criou o Projeto Justiça em Seu Bairro – Mulher Merece Respeito, que visa a promoção e a realização de palestras, seminários, debates, de cunho educativo junto aos bairros da capital, voltadas para todo o público escolar, e a sociedade em geral, promovendo a difusão da lei e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos das mulheres.

"Trata-se, portanto de um projeto de integração do Po-

der Judiciário da Paraíba junto à população, na prevenção da violência doméstica contra a mulher, levando a informação, o conhecimento da lei a todas as camadas sociais, e evitando o aumento das estatísticas de violência doméstica e familiar em nossa capital. Valendo registrar que a Comarca de Campina Grande também conta com um Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, utilizando na área de prevenção o mesmo projeto", informa.

Elejó

Fábio Mozart*

Abram alas para folhetos e livros

Há um ano, criamos a Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Esse negócio de Academia pegou em cheio na opaca cena cultural da Itabaiana do Norte. A demanda é grande. Muitos poetas, outros aprendizes, alguns que nem cordelistas são, apenas admiradores da arte, pedindo inscrição na agremiação do cordel. A solução é dar entrada a todos, mesmo porque é positiva essa excelente resposta, comprovando assim que o cordel está vivo com sua magia e as várias possibilidades de expressão.

O fato encerra em si mesmo uma realidade que muitos teimam em obscurecer: o desinteresse e até o preconceito com as expressões artísticas genuinamente nordestinas, com nossas heranças culturais, essa inibição é mais barreira imposta pela indústria cultural que aliena o homem comum. No fundo, lá dentro do inconsciente coletivo, o povo gosta de curtir sua cultura de raiz.

Sabendo que a criança é bastante receptiva a qualquer atividade ou conhecimento, o antenado Presidente da Academia, poeta Sander Lee, já pensa em levar oficinas para as escolas, motivando a garotada a ler e escrever cordel, realizando recitais, promovendo lançamentos de folhetos, enfim, projetando essa arte para as novas gerações, desenvolvendo seu gosto pela arte, seu sentido estético, adentrando no mundo de fantasia, aventura, realidade ou ficção dos folhetos de cordel, transmitindo a própria vida, a própria história cultural e social da comunidade. E que seja imortal o cordel nordestino!

Considere-se ainda a energia e informalidade do cordel, representada em nossa Academia pelo poeta Vavá da Luz, entre outros, um agente ativo do deus Eros, mestre da poesia erótica e hilária, discípulo do mestre Laurindo Rabelo (século XIX), autor dessa singela quadrinha:

No cume da minha serra
Eu plantei uma roseira
Quanto mais as rosas brotam
Tanto mais o cume cheira.

Para divulgar nossos folhetos e promover o hábito da leitura, criamos o projeto "Biblioteca viva", onde se pode trocar livros sem nenhuma burocracia. Já instalamos expositor no Fórum Cível Mário Moacyr Porto, em João Pessoa. Brevemente, teremos expositores do projeto em Itabaiana, Itatuba, Ingá e Mari. O poeta Sander Lee, Presidente da Academia, se mostra bastante animado com as atividades da instituição, que ainda neste mês de agosto, no dia 27, apresentará outra edição do projeto "Cordel do fogo apagado" em Mari, com apoio da Rádio Comunitária Araçá, que consiste na reunião de poetas declamadores e artistas populares para um sarau artístico aberto ao público. Teremos a posse dos poetas Bebê de Natércio, Wag-

ner Lins, Adilson Adalberto, Jandira Lucena e Maurício Lima, de Itatuba.

"Perguntaram um dia a Bernard Shaw se ele acreditava que o Espírito Santo havia escrito a Bíblia", contou o escritor Jorge Luiz Borges em uma palestra pública certa vez. "E Bernard Shaw respondeu: 'Todo livro que valha a pena ser lido foi escrito pelo Espírito'." Borges, quase cego total, percebia o livro como algo quase mágico. Mesmo cego - podia distinguir apenas o vulto de alguém à sua frente - ele seguia comprando livros. "Eu sigo brincando de não ser cego", dizia Borges.

Na Academia de Cordel do Vale do Paraíba, a gente segue brincando de não viver numa cidade onde o livro há muito que não faz parte da realidade e necessidade imediata do seu povo. Borges escreveu: "Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os outros são extensões do seu corpo."

Museu exhibe riqueza de raridades do Nordeste

Chico José
Socursal Campina Grande

Campina Grande é uma das cidades brasileiras que mais abrigam museus. Mas é preciso deixar bem claro: estamos nos referindo a museus pertencentes ao Poder Público. A cidade tem o Museu Histórico, administrado pelo município. Tem o Museu de Arte Contemporânea e o Museu de Arte Popular da Paraíba, pertencentes à Universidade Estadual da Paraíba. Até bem pouco tempo, a Rainha da Borborema contava com o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, uma iniciativa particular de resgate da história do Rei do Baião, que lamentavelmente fechou as portas. Mas o que muita gente ainda não sabe é que no bairro de Bodocongó, Zona Oeste campinense, mora um professor de História que transformou parte de sua casa no Museu Vivo da História do Nordeste Brasileiro. O professor Adonhiram Ribeiro dos Santos, é, possivelmente,



Adonhiram guarda em sua casa mais de 600 peças do Museu Vivo da História do Nordeste Brasileiro, muitas delas raras

um dos poucos brasileiros a adotar essa iniciativa. E o que é mais interessante: ele reuniu num espaço relativamente pequeno, um rico e raro acervo de peças que remontam ao cotidiano do Nordeste com idades que

variavam dos 50 aos 200 anos de história. Trata-se de peças utilitárias de uso doméstico, máquinas, ferramentas e utensílios destinados à produção de alimentos e bens de consumo duráveis. No vasto acervo constituído

por mais de 600 peças figuram até armas brancas e de fogo e que, em parte foram usadas no século XIX e nas primeiras décadas do século passado, quando o fenômeno do cangaço atormentava as pequenas cidades nor-

destinas.

Uma garrucha de carregar pela boca, das que hoje só podem ser vistas no cinema, como no clássico "O Patriota", protagonizado por Mel Gibson. Bacamartes do século XIX; punhais e um

rifle de repetição do tempo do cangaço são objetos que poucos museus podem ostentar nos dias atuais. O museu existe há 25 anos no número 239 da Rua Manuel Joaquim Ribeiro, no bairro de Bodocongó. O endereço é o da própria residência do professor Adonhiram. Ele explica que, inicialmente, sua intenção era fazer a decoração da casa com peças antigas. "Mas o acervo foi aumentando e, há 10 anos, virou projeto de extensão universitária", relata o professor, que integra os quadros do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, cujo campus se situa no mesmo bairro.

O acervo do Museu Vivo do Nordeste foi formado inicialmente por objetos doados por visitantes e amigos. Outra parcela foi adquirida com recursos próprios do professor Adonhiram Ribeiro. São mais de 600 peças, formando um acervo que se destaca pela quantidade e diversidade de objetos.

Fogão a lenha, tachos e cuscuzzeiras de barro

Um fogão a lenha típico do Nordeste e que poucas pessoas ainda fazem questão de manter é coisa rara. No Museu Vivo existe um fogão desses. Mas é uma peça de decoração. Ele tem chaminé para não deixar o ambiente tomado pela fuligem resultante da queima da lenha. Nesse fogão o professor Adonhiram prepara suculentas feijoadas e favadas para saborear com amigos e convidados, degustando generosos goles da mais legítima cachaça do Brejo paraibano, que praticamente em nada difere das mais famosas marcas da Zona da Mata mineira.

O Museu Vivo do Nordeste é formado por peças antigas, peças artesanais com 30 anos ou mais (perdoem o trocadilho) e por peças retrós (que fazem parte de um estilo cultural desatualizado ou velho, uma tendência, hábito, ou moda do passado pós-moderno global, mas que, com o tempo, se tornam funcionais). Por isso, no que se refere aos equipamentos de gastronomia, em plena função dos fogões a gás



Estudantes de escola pública, particular e de universidades podem visitar o espaço

ou movidos a eletricidade, energia solar ou eólica, quem se lembra dos fogões de ferro movidos a carvão vegetal? Um exemplar de um fogão desses, em plenas condições de uso, com as bocas para acumular carvão e o forno para assar carnes ou bolos, pode ser encontrado no acervo de raridades do professor Adonhiram.

No quesito gastronomia, o instrumental do museu não para por aí. Painéis de ferro de todos os tamanhos, chaleiras de ferro, bronze

e alumínio, tachos, bacias, pratos de ágata e porcelana, frigideiras, cuscuzzeiras de barro e até painéis artesanais produzidas em pedra sabão fazem parte da rica coleção.

Como se trata de um projeto de extensão, alunos da universidade e de escolas públicas e particulares podem visitar o museu com fins didáticos e de pesquisa. Ao final de cada visita eles produzem relatórios do que viram como relíquias de um passado que deve ser preservado.

Caititu para fazer tapioca

Quem saboreia nos dias de hoje a tradicional tapioca, feita com goma de mandioca, não imagina que tipo de equipamento era usado para triturar o tubérculo e dele extrair a matéria-prima de um produto tão regional. O caititu, um cilindro de madeira equipado com fitas de serras e puxado à mão por meio de uma grande roda, de madeira e ferro, compunham o instrumental tecnológico de 50 anos atrás, nas casas de farinha localizadas pelo Nordeste afora. Já na década de 1970 o esforço de puxar manualmente a roda que movia o triturador foi substituído por pequenos motores movidos a óleo diesel. Hoje, tanto a farinha como a goma de mandioca são produzidos em escala industrial.

Mas quem quiser conhecer um caititu como se dizia no jargão sertanejo de 50 ou 60 anos, basta agendar uma

visita ao Museu Vivo do Nordeste. Como se trata de um museu particular, o acervo está exposto à visitação num espaço relativamente pequeno, não comportando, por isso mesmo, um grande número de pessoas no local, no mesmo espaço de tempo.

Visitar o museu do professor Adonhiram não representa apenas um mergulho na história. É mais que isso. Trata-se de um verdadeiro reencontro com as raízes de quem já passou dos 50, dos 60 ou mais anos. Quem degusta uma generosa fatia de queijo coalho com outra suculenta fatia de goiabada, provavelmente, nunca tenha se deparado com a prensa de queijo. Uma prensa manual, de madeira, para deixar o tradicional derivado de leite, no tamanho e no peso destinados ao comércio ou ao consumo de quem o produzia.

Medicamentos de boticas

No Museu Vivo do Nordeste o visitante pode encontrar móveis, acessórios, como máquinas manuais de cortar cabelo masculino; ferramentas de trabalho e até medicamentos das antigas boticas como eram chamadas as pioneiras farmácias de manipulação. Instrumentos musicais como a rabeca que ainda hoje é executada por grupos musicais de raiz; moendas de cana-de-açúcar, rocas para fiar, máquinas de descarocar e balanças de pesar algodão; pilões para descascar arroz e pilar o milho para o mungunzá; moedores de café, carne e milho; lampiões, lamparinas e velhos candeieiros que iluminavam as casas dos sertanejos; fole e forja para produção de utensílios de ferro; e chocalhos para identificar animais bovinos, são outros atrativos. Na porta de entrada da casa do professor Adonhiram, em vez da campanha movida a energia elétrica, o visitante

pode acionar um chocalho. Dinheiro antigo também não falta no museu. Ali o visitante pode conhecer cédulas e moedas dos séculos XIX e XX de diversos valores. Máquinas de costura manuais e de pedal nos remetem ao tempo em que o vestuário masculino e feminino era produzido por alfaiates e costureiras. Uma dessas máquinas lembram a época do cangaço. A história relata que Virgúlio Ferreira da Silva, o Lampião, gostava de costurar suas próprias indumentárias nessas máquinas que já eram um avanço tecnológico nos anos 20 e 30.

Serviço

Para visitar o local é necessário fazer um agendamento por meio do telefone (83) 3333-1936. A visita pode ser feita também por grupos de estudantes. O museu fica na Rua Manuel Joaquim Ribeiro, 239, Bodocongó, em Campina Grande.

Espaço ecológico abriga espécies da flora

A concepção de museu casa não se resume apenas aos objetos que remontam a épocas diferentes do cotidiano do Nordeste. Além da preservação da história por meio dos objetos e utensílios de grande valor sentimental, existe a preocupação com o meio ambiente. Uma ala externa do museu abriga espécies da flora da Caatinga, formada em grande parte por cactáceas e bromélias.

Já que nos referimos ao antigo e ao retró, o velho (e já renascido) disco de vinil com músicas do cancionário nordestino são outras preciosidades com as quais o professor Adonhiram brinda os seus visitantes. A literatura de cordel e a poesia

popular são igualmente apreciados. Nascido e crescido em Campina Grande, o professor e colecionador Adonhiram Ribeiro é integrante de uma família de origem rural paraibana com ramificações pelo Sertão cearense. Ele explica que o Projeto Museu Vivo do Nordeste é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba. Além da vinculação institucional, um bolsista da UEPB o ajuda na realização de eventos.

No museu são realizadas apresentações de repentistas, emboladores, rabequeiros, violeiros e cordelistas. Nessas ocasiões, o tradicional disco de vinil de músicas nordestinas, não pode faltar. O espaço cultural



Local sede variados eventos culturais

também é usado como cenário para variados eventos culturais. "O museu em si é uma provocação para os eventos", celebra o professor.

Goretti Zenaide

Ele disse
 "O perdão é a cura para muitas doenças. Perdoe sempre e terá uma vida saudável!"
 MANOEL SALES

Ela disse
 "Gosto quando lágrimas viram canções ou poesias, assim elas não correm o risco de virarem doenças"
 ANDREA BOSSOES

gzenaide@gmail.com @letazenaide colunagorettizenaide

FOTO: Dava Rocha

Os melhores

O **BONITO** trabalho desenvolvido pelos artesãos Lenita Fernandes Maia (Terra do Sol, de Gurinhém), de Valci Oliveira (Campina Grande), Elizabeth Paz (João Pessoa), Rosineide Gonçalves (Sereias da Penha) e Maria da Conceição Emiliano (Cabritas de Boa Vista) foram selecionados entre os 100 Melhores do Brasil. Eles concorreram entre dois mil inscritos no Prêmio Sebrae Top 100 de Artesanato.



Nelly Braga e Socorro Pordeus nos festejos para Hélia Botelho na Maison Blu nelle

Garota Vip Sunset

NO PRÓXIMO dia 28 a Domus Hall vai preparar a Arena Fest Verão, em Ponta de Campina, para receber o evento do cantor Wesley Safadão, denominado "Garota Vip Sunset".

E, por falar em Wesley Safadão, o modelito que Thyjane Dantas usou no seu casamento com o cantor, custou a "bagatela" de R\$ 72 mil. O modelo, inspirado na Catedral Notre Dame de Paris, com seus arcos e arabescos, foi desenhado por Ivanildo Nunes, com 58 mil cristais, renda francesa e renascença, crochê e bordado richeller.

FOTO: Arágnio



Ana Lúcia e Tadeu Pinto, ele é o aniversariante de amanhã

Parabéns

Domingo: médico Luciano Henriques, empresários Hildon Soares de Oliveira, Humberto Soares de Oliveira e Sérgio Ricardo Dantas Nunes, Sras. Silvana Trombetta, Tereza Torres e Zuleide Leal de Souza, médico Jorge Alberto Trigueiro, advogada Violeta de Sá Barreto, cantor Tan, executivo Paulo Maurício da Cunha.

Segunda-feira: compositora Thaise Gadelha, advogado André Cabral, deputado Pedro Cunha Lima, Sras. Socorro Guedes Pereira, executiva Ladjane Barbosa Sousa, hoteleiro Tadeu Sobreira Pinto, construtor Dorgival Andrade de Lima, juizes Adalton Lacet e Eslu Eloy Filho, procurador Adalberto Targino, empresária Mana Guimarães, cabeleireira Marianne Mota.

Zum Zum Zum

Estreou esta semana no Cinespaço Mag Shopping o filme "Perfeita é a Mãe", dos mesmos roteiristas da trilogia "Se Beber Não Case". No elenco da comédia estão Milla Kunis, Kristen Bell e Kathryn Hahn.

Em parceria com a Escola Superior de Publicidade e Marketing, o Cinespaço Mag Shopping vai exibir 16 sessões, todas as terças-feiras a partir da próxima, com renomados professores daquela instituição. A primeira será com o publicitário Nizan Guanaes.

A empresária Norma Pedrosa abre sua bonita loja na av. Edson Ramalho na próxima terça-feira com nova coleção primavera-verão. Será com um coquetel a partir das 16h.

Viagem técnica

ESTÁ marcado para os dias 21 a 26 de setembro a viagem técnica que alunos e professores do lesp farão a Santa Catarina, numa iniciativa da coordenação de cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos. A viagem será liderada pela professora Luciana Albuquerque, onde o grupo irá também conhecer a Escola Teatro de Bolshoi, em Joinville e os processos de produção de uma malharia em Blumenau.

Casa Cor

O JARDIM da mansão que vai abrigar o Casa Cor Paraíba de 2 de setembro a 16 de outubro terá obras assinadas pelos artistas plásticos Demétrius Coelho e Orlando Quadros.

O espaço terá assinatura das arquitetas Thais Figueiredo e Patrícia Casadei.

Quadrinhos

TERMINA hoje o 2º Encontro Regional Sobre Histórias em Quadrinhos (Quadrinhos Intuados), promovido pelo Governo do Estado através da Fundação Espaço Cultural da Paraíba. O evento faz parte do projeto "Agosto das Letras".

Dois Pontos

A música "Garota de Ipanema" teve sua audiência ampliada em 1200% no Spotify depois de ser pano de fundo no desfile de Gisele Bündchen na abertura da Rio 2016. Segundo o The New York Times a música de Vinícius de Moraes e Tom Jobim teve mais de 40mil reproduções logo após a abertura dos jogos já no último sábado.

CONFIDÊNCIAS

PSICÓLOCA, COMPOSITORA E CANTORA

THAISE DE FRANÇA GADELHA FONTES

Apelido: sou mais conhecida como Thaise Gadelha, principalmente no meio musical.

Uma MÚSICA: são tantas que é difícil escolher uma só, mas gosto muito de "Beatriz", de Edu Lobo e Chico Buarque, "Retrato em Branco e Preto", de Tom Jobim e Chico Buarque, "Todo Sentimento", de Chico Buarque, "When I Fall in Love" imortalizada por Nat King Cole, "The wau you look tonight", entre outras.

Um CANTOR/CANTORA: o paraibano Erik von Söhs-ten tem um gogó como poucos, adoro sua voz. Como também gosto de Marisa Monte, Édít Piaf.

Prefere CINEMA OU TEATRO: teatro, principalmente os musicais.

Um FILME: "Perfume de Mulher", "Florence - quem é essa mulher?", todos os filmes de Charles Chaplin.

Uma peça de TEATRO: "Ópera de Malandro" para mim foi fantástica. Assisti ultimamente "Elis, o Musical" que é muito boa. Tem ainda "O homem de la Mancha" com Bibi Ferreira, "Trair coçar é só começar".

Um ATOR: Al Pacino e Lima Duarte.

Uma ATRIZ: Meryl Streep e Marília Pêra

Poesia ou prosa: poesia. Gosto muito de "A canção do Beco", de Manuel Bandeira, "Retrato", de Cecília Meireles e "O Dia da Criação", de Vinícius de Moraes.

Um LIVRO: estou sem ler, mas um livro que marca para sempre é "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez.

Um ESCRITOR(A): Cecília Meireles

Um ARTISTA PLÁSTICO: Miguel dos Santos, Francisco Brennand e Flávio Tavares.

Um lugar INESQUECÍVEL: New York é uma cidade inesquecível e se pudesse voltaria lá muitas vezes. Adoro a Time Square, em Manhattan e é incrível a oportunidade que aquela cidade que nos dá para assistir grandes musicais.

VIAGEM dos Sonhos: gostaria muito de conhecer Paris. Ainda não fui mas já está nos meus planos ir.

PREFERE: campo

RELIGIÃO: católica

Um ÍDOLO: Deus é meu ídolo, é tudo na minha vida, sem a força dele não teria enfrentado tantos momentos difíceis que passei na minha vida.

Uma MULHER elegante: Costanza Pascolato e Jaqueline Onassis.

Um HOMEM charmoso: Antônio Banderas, Robert Redford e Al Pacino.

Uma BEBIDA: vinho

Um PRATO irresistível: um bom filé

Um TIME DE FUTEBOL: não curto muito futebol. Só sei quando é um gol e olhe lá...

Qual seria a melhor DIVERSÃO: uma cantoria com amigos! Não há coisa mais gostosa do que você estar com amigos, cantar para eles, beber um bom vinho e jogar conversa fora.

QUEM você deixaria numa ilha deserta? as pessoas falsas.

Um ARREPENDIMENTO: não tenho, mas acho que perdi algumas oportunidades que a vida me deu e não aproveitei por comodismo. Por exemplo uma viagem maravilhosa que minha mãe, Dadá Gadelha, fez a Paris. Mas ainda há tempo e com certeza farei!



"A melhor diversão é uma cantoria com amigos! Não há coisa mais gostosa do que você estar com amigos e cantar para eles, beber um bom vinho e jogar conversa fora"

FOTO: Goretti Zenaide



Adeo Braga e Jander Neves, Dida e João Rodolfo Neves nos festejos para Vitória Lima no Cabo Branco

EXEMPLOS DE SUCESSO

Tal pai, tal filho!

Vários atletas paraibanos se espelharam nos pais para a fama no esporte

Adrizzia Silva
Especial para A UNIÃO

De pai para filho, há ensinamentos que são transmitidos simplesmente como herança. Outros, porém, é necessário que os pais tenham sensibilidade e tracem estratégias para que seus filhos alcancem o sucesso, em qualquer que seja o segmento. Profissionalmente, não são raros exemplos de pessoas que seguem os passos dos pais, por influência, puro talento ou apenas pela referência dos seus 'heróis'.

No esporte também é assim. Em muitos casos, ele entra na vida das pessoas por razões familiares e ainda da maneira mais democrática possível. Pode ser com a prática de uma atividade entre pais e filhos, com os dois reunidos para torcerem pelo time do coração, por exemplo, ou, quando a necessidade faz do esporte um caminho para determinar uma trajetória de superação e vitórias.

Neste Dia dos Pais, comemorado hoje em todo o Brasil, são muitos os exemplos de paraibanos atletas que passam ou passarão seu legado para os filhos, ou filhas que, mesmo não tendo o pai envolvido profissionalmente no mundo do esporte, receberam o maior incentivo através do homenagem do dia.

No surfe, é essencial citar o paraibano Fábio Gouveia, hoje com 46 anos e aposentado das competições desde 2009. Em 1988, até então desacreditado mesmo em sua terra, o surfista deixava a pequena cidade de Bananeiras, no interior do Estado, para conquistar o mundo. Foi o primeiro brasileiro na história a ganhar um

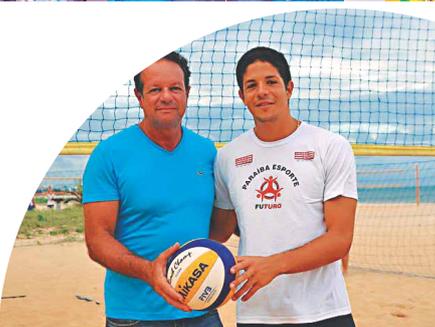
campeonato mundial de surfe. Na época ele teve todo o apoio de seu pai, que acreditou no potencial do atleta.

Além disso, para Fábio Gouveia o surfe sempre foi um negócio de família. Foi viajando com a mulher, Elka, e os três filhos, algo totalmente incomum no circuito nos anos 90, que ele conquistou seus maiores títulos e se tornou um dos principais, senão o melhor, surfistas brasileiros de todos os tempos. O filho Ian, hoje com 24 anos, é dono do seu legado. O jovem resolveu enveredar para o esporte e desponta como uma das grandes promessas do surfe nacional.

"Quando eu morava em Recife, era fisurado em futebol. Acho que se eu estivesse morando lá, eu teria tentado ser jogador. Mas o meu dom mesmo é o surf, que se não for uma herança genética, pode ter certeza que o estilo de vida de muitos pais influencia diretamente na vida dos filhos" comentou Ian.

Outro atleta que segue os passos do pai é Pedro Resende, filho do campeão olímpico de vôlei de praia Ricardo. Embora não seja paraibano, Ricardo mora em João Pessoa há mais de 18 anos e divide os treinos nas areias da Praia do Cabo Branco com o filho. Quando Ricardo conquistou o ouro olímpico em Atenas-2004, Pedro não queria saber de vôlei de praia. Preferia jogar videogame no quarto a ir até a sala, onde a família chamava pelo seu nome e vibrava a cada ponto que o pai marcava.

Pedro praticava de tudo um pouco, judô, natação, handebol, basquete, futsal, futebol, jiu-jitsu, menos volêi. Começou a se interessar pela modalidade no Pan de 2007, no Rio. Em Pequim-2008, quando o pai levou o bronze. Mas, em Londres-2012, foi diferente. Pedro, que havia decidido seguir os passos do pai nas areias, assistiu a todos os jogos. Hoje ele sonha conquistar ainda mais títulos do que Ricardo.



As irmãs Emly e Emerly, Yan e Tiago, Álvaro Filho e Ian se espelharam nos pais, respectivamente, Erivaldo Nascimento, Hulk, Álvaro Pai e Fábio Gouveia



Aproximação com a família facilita escolha profissional

Mas, se há pouca idade para fazer uma escolha profissional, a aproximação com o pai pelo menos dá uma ideia de qual será a opção do filho. É o caso, por exemplo, do primogênito do atacante da Seleção Brasileira e do clube chinês Shanghai, Hulk. Nas férias do pai, Ian aproveitava para jogar bola e tem o privilégio de receber dicas de um dos jogadores mais valiosos do mundo.

O garoto é canhoto assim como o pai e aos sete anos demonstra que leva jeito para o esporte. "Tem uma canhotia forte. Chega a impressionar, já que se trata de um menino pequeno. Mas por enquanto é só lazer. Diversão. Ele vai ter o tempo certo para decidir o que quer fazer da vida", disse o jogador, que também é pai de Tiago, cinco anos.

Em sentido oposto, está Álvaro Filho,

também do vôlei de praia. De uma família em que ninguém se encaminhou para o esporte, o atleta só perseverou por causa do pai. "Quando acordava cansado, sem querer treinar, era ele quem me sacudia. Foi ele quem me fez o que sou", revelou o jogador, um dos mais valiosos dos Mundiais de Vôlei de Praia.

O filho revela que, em alguns momentos, ficou em dúvida se conseguiria chegar aonde queria e que a mãe, Patrícia, algumas vezes ficava aflita, com medo da família estar exigindo demais dele. Porém, o pai era o único que sempre teve a certeza do seu sucesso. "Ele nunca achou que eu não conseguiria. Meu pai é mesmo alguém essencial em minha vida como atleta", confirmou.

Já José Márcio, pai do nadador olímpico Kaio Márcio, também teve in-

fluência na escolha da carreira do filho. Ex-nadador e jogador de polo aquático, chegou a defender a Seleção Brasileira e quase levou Kaio para o esporte de equipe. "Eu queria que ele fizesse um esporte, a natação foi uma obrigação minha.

Tinha obrigação de ensiná-lo a nadar o mais rápido possível e tive que apressar esse processo até como uma forma de protegê-lo, porque ele estava sempre comigo, perto das piscinas", declarou.

Kaio disputou na Olimpíada Rio 2016, a quarta participação em Jogos Olímpicos. "Sou muito grato por ser ensinado a nadar desde cedo. Assistia a muitos jogos de polo aquático do meu pai e ficava entusiasmado, queria um dia ser atleta de alto nível também", definiu.

Entre esses e tantos outros pais, referências para quem acompanha os

primeiros passos dos filhos no esporte, pode-se também frisar, o exemplo de Erivaldo Nascimento, que não é atleta e sequer teve a oportunidade de estudar. Ele é pai de Emly e Emerly, que jogam xadrez escolar e referência no esporte.

As jovens de 14 e 16 anos, respectivamente, foram criadas pelo pai que exerce também o papel de mãe e que tem importância fundamental na inserção do xadrez na vida das filhas. Aos 48 anos, ele trabalha com material reciclável e traça uma bonita história de humildade e superação, ao introduzir o esporte na história delas. "Sou feliz em poder criar minhas filhas e ensiná-las o valor da educação. Não tive acesso aos estudos, mas sempre fui ciente de sua importância. Aprendi xadrez para ensiná-las e hoje elas só me dão orgulho", declarou.

MEDALHISTA OLÍMPICO

Troca de esporte que deu certo

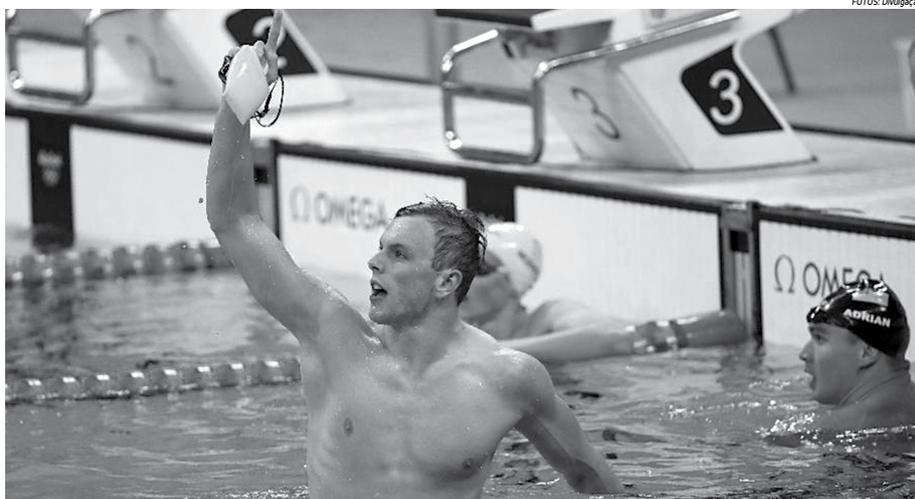
Australiano abandonou o futebol para vencer 100m livre na natação



Kyle Chalmers, 18, ia debutar no ano passado em uma competição internacional pela natação australiana. O velocista seria um dos representantes nacionais no revezamento 4x100 m livre do Mundial de Esportes Aquáticos disputado em Kazan (Rússia), mas quase não pôde participar do evento. Meses antes, sofreu uma fratura no pulso e uma ruptura de ligamento do tornozelo em uma partida de futebol australiano. Teve de ser convencido a deixar o esporte e se concentrar apenas nas piscinas. Na última quarta-feira, colheu o resultado da escolha: venceu os 100m livre nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

O triunfo de Chalmers foi apenas uma das surpresas da prova. Até a série final, o norte-americano Nathan Adrian e o australiano Cameron McEvoy eram os principais candidatos ao ouro na disputa. Os dois eram donos dos melhores tempos do ano e vêm protagonizando as competições da distância nos últimos anos. Adrian ficou apenas com o bronze, e McEvoy foi o sétimo. "Acho que isso tem a ver com a quantidade de gente que pratica a prova. Todo mundo gosta de nadar os 100m livre, e aí as coisas acabam ficando mais imprevisíveis", analisou o norte-americano.

A Austrália não triunfava nos 100 m livre desde 1968.



Kyle Chalmers era jogador de futebol, sofreu ruptura de ligamento do tornozelo, foi aconselhado a mudar de esporte e conquistou o ouro na prova dos 100 metros

Neste ano, a principal aposta do País para faltar o jejum era McEvoy, primeiro colocado na seletiva nacional. Chalmers era menos badalado até em âmbito interno, a despeito de ser o atual recordista mundial júnior da prova.

Quando terminou a prova, Chalmers evitou comemorar de forma efusiva. Preferiu respeitar McEvoy, que havia sido superado. Os dois eram companheiros de quarto na Vila Olímpica do Rio de Janeiro. "É difícil. Eu ganhei um ouro olim-

pico, e ele não conseguiu nadar seu melhor. Espero que isso mude nos próximos dias e que ele possa se recuperar", disse o campeão.

A reação tem a ver com o sentido coletivo do nadador australiano. Kyle é filho de Brett Chalmers, um jogador de futebol australiano, e durante grande parte da vida dividiu as atividades nas piscinas com a modalidade que era praticada pelo pai.

"Eu gosto muito de jogar futebol. É um pouco frustrante

ter de deixar o esporte assim", contou Chalmers. "Muita gente me pediu para parar de jogar", completou o nadador, que não pratica futebol australiano desde os primeiros meses de 2016.

O futebol australiano é apenas um dos outros esportes que Chalmers curte. O australiano também acompanha basquete e o futebol tradicional. Praticamente não segue notícias ou competições de natação.

Chalmers teve infância intrinsecamente ligada ao esporte.

Passou por várias modalidades e começou a praticar natação em uma academia. Ganhou destaque rapidamente por causa do desempenho na piscina, mas também por seu biotipo: é alto, magro e tem pés grandes. Aos 15 anos, já calçava 46.

Rapidamente, Chalmers começou a frequentar competições de base. Em 2014, esteve nos Jogos da Juventude disputados em Nanquim (China). Foi o 13º colocado nos 50 m livre, prova vencida pelo brasileiro Matheus Santana, 20.

Dois anos depois, a escalada de Chalmers contrastou com a trajetória de Matheus. O brasileiro é tratado como uma das principais promessas da natação nacional, mas viveu um fim de ciclo extremamente conturbado. Não nada bem desde o ano passado e teve a pior parcial do País na eliminatória do revezamento 4x100 m livre, única prova dele na Rio-2016 - nadou o percurso em 49s00 e sequer foi escalado na etapa seguinte.

HISTÓRIAS RADIOFÔNICAS

JOSÉ NILTON BATISTA DE BRITO (NILTON BATISTA)

A voz marcante da narração que encanta o País!

Marcos Lima
marcoslima@gmail.com

Os 36 anos na profissão de cronista esportivo parecem ainda serem poucos para o sertanejo José Nilton Alves Batista de Brito, popularmente conhecido como "Nilton Batista", nascido em São José do Bonfim, na Grande Patos-PB, o filho do casal Joaquim Alves Batista e Noêmia Brito Batista tem uma das vozes mais marcantes da narração esportiva paraibana e brasileira. Atualmente, integra a equipe da CBN, João Pessoa, dando um show de cobertura esportiva.

"O que me levou a seguir na área de cronista esportivo, não foi o futebol e sim o rádio. Mas sei também fazer jornalismo político, fiz durante muito tempo no rádio baiano. O jornalismo informativo, não o jornalismo do achaque e da chantage como se vê hoje por aí, esse não faço!", disse Nilton.

Pai de Lamartine Torres de Brito, Vitória Samaia Torres de Brito, Enos Cainan Torres de Brito e Marina Ribeiro Brito, o cronista nunca jogou futebol. Para ele, o destino quis que ele fosse narrador esportivo. "Nunca joguei bola, nem baba, não sei chutar uma bola e quis o destino que eu virasse narrador esportivo", brinca ele, que tem como referência em sua profissão as emissoras radiofônicas de São Paulo. "Eu

sempre tive como referência o rádio paulista, que sem querer tirar o mérito dos demais centros radiofônicos do País, mas considero o rádio paulista em todas as áreas o melhor do Brasil. E a minha grande referência sempre será Osmar Santos, para mim o melhor narrador esportivo que esse País já teve, para mim o Pelé do rádio esportivo", afirma.

Sem puxa saco para time algum, Nilton Batista não se diz fanático torcedor; já que fanatismo nunca fez parte do seu dicionário. "Sou torcedor do Nacional de Patos, Campinense Club, Vitória da Bahia e Vasco da Gama", cita, lembrando que gosta quando essas equipes vencem, no entanto, quando perdem ou empatam, para ele, tanto faz.

Nilton não poupa críticas ao desenvolvimento do futebol paraibano. "Não temos um futebol desenvolvido, mas sinto que está crescendo. Já temos um Botafogo, que deixou ser um time para chegar ao estágio de clube. Já tem um CT, uma concentração. O Alvi-Negro da estrela vermelha, infelizmente, em termo de infraestrutura, foi o único que avançou, na minha opinião. Pode avançar mais, principalmente estruturando suas categorias de base", disse ele, que faz questão de defender a Federação Paraibana de Futebol em relação aos clubes paraibanos. "Esse é um assunto



O destino fez com que Nilton Batista trilhasse para a crônica esportiva

muito delicado. E esse não é um problema da Federação Paraibana, é um problema do Brasil.

Trabalhei 28 anos na crônica esportiva baiana e eu via como era o tratamento. Lá é tudo para a dupla Bahia e Vitória e o que sobrar para o resto. Como acontece em termos de Brasil, a CBF é só gentileza para o futebol do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, porque esses quatro estados tem as 12 marcas que são consideradas os 12 grandes clubes do País. Os demais estados ficam com as migalhas.

Em termos de Federação Paraibana, eu percebo que na administração do Amadeu Rodrigues, houve avanços, ele demonstra ser um presidente preocupado com o crescimento do futebol do Estado, sem proteger A ou B. Muito diferente de gestões anteriores onde havia perseguições aos próprios filiados. Felizmente, essa fase passou e espero que não volte nunca mais", avalia.

Para Nilton Batista, o futebol paraibano está resumido apenas a João Pessoa e Campina Grande. "Infelizmente sim. Principalmente Botafogo, Campinense e Treze. O futebol de Patos, ficou para trás, hoje temos um Nacional ralando numa Segunda Divisão por incompetência dos seus dirigentes. Depois do trio de ferro do futebol paraibano, hoje sem dúvida o time que cresceu foi o Sousa Esporte Clube".

JOGOS OLÍMPICOS 2016

Paraibana estreia no arremesso

Andressa Moraes compete amanhã em sua segunda Olimpíada

Marcos Lima
marcoslima@gmail.com



A pessoense Andressa Moraes de Oliveira estreia amanhã nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Será a última paraibana a entrar nos holofotes da mídia mundial no maior evento esportivo do planeta. Ela vai competir na prova do arremesso do disco, etapa classificatória. Na terça-feira, serão conhecidos os três melhores atletas que estarão no pódio.

Décimo sexto lugar nas olimpíadas de Londres, em 2016, Andressa Moraes, atleta do Ministério da Marinha e também do Esporte Clube Pinheiros, de São Paulo, é somente motivação para a competição. Tem recebido apoio de todo o País, principalmente dos seus conterrâneos, através das redes sociais. "Obrigado por todo este apoio. Vou tentar agradecer melhor conquistando uma medalha para a Paraíba e para o Brasil", afirmou ela, bastante esperançosa.

Em sua primeira Olimpíada, em Londres, a marca da paraibana foi de 60,84 metros, deixando-a na 16ª posição. Quatro anos mais tarde, Andressa Moraes conquistou uma marca superior a esta, ou seja, 64,15m, recorde do Troféu Brasil de Atletismo, em 2016, mesmo assim, ela já havia conseguido índice para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Em abril deste ano, cravou 59,64m, no Campeonato Sul Americano, na cidade de Santiago, no Chile.

Diante dos resultados e do crescimento em suas marcas, a paraibana acredita que pode garantir um lugar no pódio nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, mesmo sabendo do potencial de suas adversárias. Quatro anos depois de sua primeira experiência em Jogos Olímpicos, Andressa se diz melhor preparada. No início deste ano, esteve em Havana, capital de Cuba, em fase de treinamento com a número 1 do ranking mundial no arremesso de disco, a cubana Denia Caballero, onde adquiriu mais experiência.

"Tenho recebido muito apoio e se Deus quiser o objetivo será alcançado", afirmou Andressa.



FOTOS: Divulgação

OLIMPIADAS HOJE

9h30 - Maratona (F).....	Final
20h30 - Salto em Altura (M)...	Classificação
20h35 - 400m (F).....	Semifinais
20h55 - Salto Triplo (F).....	Final
21h - 100m (M).....	Semifinais
21h30 - 1.500m (F).....	Semifinais
22h - 400m (M).....	Final
22h25 - 100m (M).....	Final

Andressa Moraes de Oliveira pretende vencer a melhor do mundo, com quem treinou este ano

FIM DA DISCRIMINAÇÃO

Rafaela diz que ouro superou trauma de 2012



Judoca conquistou a primeira medalha de ouro para o Brasil

A derrota em Londres (2012) deixou traumas e lições para Rafaela Silva. Dessa vez, ela estava determinada a não deixar que nada atrapalhasse o sonho nos Jogos Rio 2016. Pra isso, além das estratégias de luta e de preparação mental, valeu até se afastar das redes sociais, o que a ajudou a manter o foco na medalha de ouro no judô, conquistada na última segunda-feira, no Parque Olímpico da Barra.

Na reta final de preparação, Rafaela deixou o próprio celular no modo avião e, com um telefone provisório, falava apenas com pessoas mais próximas enquanto esteve na Vila dos Atletas. A estratégia visava barrar qualquer notícia ou comentário que pudesse distraí-la do torneio.

"Não queria ver nada que me abalasse durante a competição. Tive acesso apenas à família no celular que me geram na vila. Entrei com foco e consegui fazer uma boa competição", re-

velou Rafaela, em um encontro com os jornalistas, menos de 24 horas depois da conquista.

Celular em modo avião representou o final de uma estratégia psicológica decisiva. Rafaela lembrou a importância do trabalho da técnica Nell Salgado já na primeira entrevista após o título olímpico. Com o apoio dela, a judoca se manteve no esporte após o trauma em Londres.

Segundo Rafaela, as orientações de Salgado foram vitais para saber lidar com o fator casa, que ajudou no título mundial dela, no Maracanãzinho em 2013, e também influenciou no torneio olímpico.

"Fiz todo um trabalho psicológico, porque a torcida tá ali para te ajudar, mas ela também pode te distrair. Mas eu olhei para a arquibancada e pensei que não podia decepcionar o público. Só pensei em poder dar a alegria a eles que não pude dar em Londres", comentou.

Outro incentivo importan-

te durante o ciclo, segundo a campeã olímpica, veio do programa Bolsa Pódio, do Ministério do Esporte. Dos 14 judocas convocados para os Jogos Olímpicos (sete no masculino e sete no feminino), 13 contam com a Bolsa Rafael Buzacarini, por sua vez, é contemplado com a Bolsa Atleta na categoria nacional. Durante todo o ciclo olímpico, 34 atletas receberam a Bolsa Pódio, resultando em um investimento de quase R\$ 7 milhões. No judô paralímpico, foram 10 contemplados com a categoria pódio (R\$ 2,4 milhões). Já na Bolsa Atleta, entre 2012 e 2015 foram concedidas 889 bolsas, nas categorias base, estudantil, nacional, internacional e olímpico/paralímpico. O investimento total no período somou R\$ 11,2 milhões.

"Incentivo importante para nós porque antes só os judocas do masculino tinham visibilidade. É fundamental para o atleta treinar sem se preocupar tanto com o dinheiro que

paga as contas do mês", avaliou.

Outro grande investimento foi a construção do Centro Pan-Americano de Judô, em Lauro de Freitas (BA), resultado de um aporte de R\$ 43,2 milhões, sendo R\$ 19,8 milhões do Ministério do Esporte. A instalação é o maior centro de treinamento das Américas e um dos maiores do mundo da modalidade e foi inaugurada em julho de 2014. São 20 mil m² de área construída, com toda estrutura necessária para treinos e competições.

Futuro

Se a estratégia rumo ao torneio olímpico envolveu uma pausa na internet, o título trouxe mais atenção para Rafaela Silva nas redes sociais. No Instagram, ela passou de 10 mil para 99,1 mil seguidores em menos de um dia. Além disso, ela recebeu o carinho dos colegas na Vila dos Atletas e mensagens de famosos como Neymar e a cantora Ludmilla.

Eduardo Araújo

eduardomarceraajou@hotmail.com

Parados no tempo

O futebol não está no meu sangue, mas na convivência. Sou filho de criação e amor, desde os dois anos, do meu PAI drásto Vicente Lamenha, multicampeão paraibano pelo Auto Esporte em 1987, 1990 e 1992 como diretor de futebol e presidente.

Lamenha é uma daquelas figuras icônicas que participou ativamente do futebol nas décadas 70/80/90 e depois, pelos destemperos que experimentamos diuturnamente, largou mão da gestão e abraçou-se apenas na sua paixão pelo Sport Club do Recife e, agora, sua torcida por mim e os caminhos que estou trilhando nesse universo tão viciante.

Apesar de não morarmos mais juntos, essa semana tive a oportunidade de recebê-lo na minha casa e durante quatro

dias, dormimos, acordamos, tomamos café, viajamos e curtimos essa intimidade que fortalece o laço de agora avô, filho e neto.

Viajando, no carro durante seis horas, tivemos diversas conversas, dentre elas as dificuldades experimentadas por nossa Seleção Brasileira. Ele me dizia: "Meu filho, no meu tempo todos nos temiam, a gente só tinha dificuldade com Argentina, Holanda, França, Itália, Alemanha e vez ou outra alguma seleção que aparecia esporadicamente".

Continuamos a conversa tentando encontrar o problema e a solução, bem porque normalmente jogos contra seleções como Iraque, África do Sul, Peru, Venezuela e tantas outras que tivemos dificuldades nos últimos anos, nos tempos dele eram goleadas na certa.

Chegamos a seguinte conclusão: enquanto todo mundo evoluiu e buscou profissionalizar a gestão e a formação dos atletas, nós ficamos parados no tempo. Além disso, como disse o experiente Vicente, antigamente as cidades eram dominadas por campos de futebol e a ociosidade dos garotos tornava comum a prática do esporte bretão. Hodiernamente, jogar bola só nas escolinhas, tirando a arte e a criatividade que temperavam os nossos jogadores.

Sim, nós paramos no tempo, os mais velhos estão certos, mas cabe a nós jovens achar a solução, porque o problema todo mundo sabe, como resolver é a grande questão.

A Islândia na Europa mostrou como investir na profissionalização traz resulta-

dos de médio e longo prazo, assim como os Estados Unidos aqui nas Américas.

A Era Digital globalizou a informação e facilitou o acesso aos quatro cantos do mundo, todos vendo, aprendendo e repetindo, até melhorar e evoluir, como tem acontecido com todas as seleções do mundo, enquanto nós, perdemos a magia e não estamos investindo em qualificação dos nossos profissionais e adequadamente na parte tática, técnica e física da nossa base.

Quase complicamos uma classificação fácil nas Olimpíadas com dois empates contra as fracas África do Sul e Iraque, mas nós recuperamos no último jogo contra a Dinamarca. É hora de repensar e realizar um trabalho de longo prazo, sob pena de permanecermos parados no tempo.

BRASILEIRO SÉRIE D

Começa mata-mata para a Raposa

Campinense recebe no Amigão a equipe do Itabaiana pelas oitavas

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Campinense estreia hoje no mata-mata das oitavas de final do Campeonato Brasileiro da Série D. A Raposa vai encarar o Itabaiana de Sergipe, em partida programada para às 19 horas, no Estádio Amigão, em Campina Grande. O jogo de volta, para decidir quem passará para as quartas de final, será na próxima semana, no interior de Sergipe. O trio de arbitragem para esta partida é do Espírito Santo. O árbitro central será Dyorgines José Padovani de Andrade, auxiliado por Edson Glicério dos Santos e Fábio Faustino dos Santos.

Após duas semanas sem jogar, o Campinense aproveitou a folga para entrosar a equipe, já com os reforços adquiridos recentemente. O clube vai com força máxima para cima do Itabaiana, com a convicção que precisa fazer bem feito o dever de casa, para garantir a classificação no jogo de volta, em Sergipe. Durante toda a semana, o técnico Paulo Moroni comandou treinos secretos, todos baseados na forma de jogar do adversário de hoje.

"Foram muito importantes estes treinos secretos, porque pudemos esconder a forma que vamos jogar contra o Itabaiana, e trabalhar diante das informações que temos do adversário. Aproveitamos bastante estas duas semanas sem jogos, para entrosar a equipe com os novos contratados, e tenho a certeza que se colocarmos em prática o que trabalhamos

neste período, não tenho dúvidas que vamos sair de campo com uma grande vitória neste domingo. Quero ressaltar também que a presença do torcedor nos incentivarão será fundamental", disse o goleiro Gledson.

Apesar de estar escondendo o jogo, nessa reta final da preparação, o treinador Paulo Moroni já deu algumas pistas, que a equipe sofrerá mudanças para este jogo de hoje. As entradas de João Carlos, na lateral direita e Thiago Brito, no meio campo, parecem certas. Se mantiver o time que treinou como titular, a maior parte do tempo, a Raposa deverá entrar em campo, hoje, com a seguinte formação: Gledson, João Carlos, Joécio, Rafael e Danilo; Negretti, Magno, Jussimar e Thiago Brito; Junior Chicão e Reginaldo.

No lado do Itabaiana, o técnico Leandro Campos espera um jogo muito difícil e equilibrado. "Nós temos as informações do Campinense, desde a Copa Nordeste. Claro que o time sentiu muito a perda de seus melhores jogadores, mas os contratados já começaram a entrosar, e está havendo um crescimento nos últimos jogos. É um clube de maior poder econômico que o nosso, mas o Itabaiana está pronto para realizar um grande jogo e sair de Campina Grande com um resultado que nos permita lutar em casa, com mais tranquilidade, no jogo da volta e assim, conseguir o nosso objetivo, que é passar para a próxima fase da competição", disse o treinador da equipe sergipana.

O Itabaiana vem bem desde o Campeonato Sergipano, quando foi vice-campeão, e está invicto dentro de



Jogadores do Rubro-Negro paraibano estão confiantes em um resultado positivo na primeira partida diante da equipe do Itabaiana-SE

casa, há mais de um ano. O forte da equipe é a base que foi mantida, mas na semana passada perdeu um de seus melhores jogadores, o volante Diogo Orlando, que foi para o Sampaio Corrêa.

A diretoria não perdeu

tempo e já contratou dois bons jogadores para a posição. Elyeser, que passou pelo CSA, Botafogo-PB, Guarani e Paraná. Ele estava recentemente no Vacaria, do Rio Grande do Sul. O jogador não foi regularizado a tempo e

não vai enfrentar o Campinense. Por outro lado, Jô, que veio do Pelotas-RS, já está pronto e deverá estreiar hoje, contra a Raposa.

O técnico Leandro Campos fez mistérios e não revelou o time titular para este

ELITE DO NACIONAL

Sete jogos marcam o retorno do Brasileiro da Série A

O Campeonato Brasileiro da Série A programa para este domingo 7 partidas, em sua vigésima rodada, que marca o início do retorno. As atenções estão voltadas para os clubes que estão no G4. O líder da competição é o Palmeiras, que tem 36 pontos. O Verdão vai encarar o Atlético do Paraná, que está em sétimo lugar, com 30 pontos. A partida está programada para as 18h30, na Arena da Baixada, em Curitiba.

Os jogos do domingo começam às 11 horas, com uma partida envolvendo dois clubes que estão brigando pelas primeiras colocações. O Grêmio, sexto colocado, com 32 pontos, e um jogo a menos, receberá o Corinthians, terceiro colocado, com 34 pontos. No mesmo horário, em Cariacica, o Espírito Santo, o Fluminense vai enfrentar o América-MG.

A partir das 16 horas, haverá três jogos. Na Vila Belmiro, em Santos, o Santos enfrentará o Atlético Mineiro, em jogo envolvendo equipes que estão no topo da tabela. O Galo é o segundo colocado do campeonato, com 35 pontos, enquanto o Peixe está na quinta posição, com 33 pontos. Nas demais partidas deste horário, o Vitória receberá o Santa Cruz, no Barradão, em Salvador, e o Cruzeiro vai encarar o Coritiba, no Mineirão, em Belo Horizonte. As 14h15, o São Paulo vai receber o Botafogo, no Morumbi, em São Paulo.



O líder Palmeiras vai ao Paraná para enfrentar a equipe do Atlético

Jogos de hoje

Série A

11h
Fluminense x América-MG
Grêmio x Corinthians

16h
Santos x Atlético-MG
Vitória x Santa Cruz-PE
Cruzeiro x Coritiba

16h15
São Paulo x Botafogo

18h30
Atlético-PR x Palmeiras

Série C

11h
Juventude x Boa Esporte
Tombense-MG x Mogi Mirim
Guaratinguetá x Piranga-RS

16h
River-PI x ASA
Confiança x ABC

19h
Cuiabá-MT x Fortaleza

Série D

15h30
J. Malucelli x São Bento

16h
Fluminense-BA x Ceilândia
Anápolis x Volta Redonda
CSA x Altos-PI
Moto Club-MA x Juazeirense

16h30
Princesa do Solimões x Atlético-AC

19h
Campinense-PB x Itabaiana

A história dos Tarairiús

Índios comiam parentes mortos pois acreditavam ser abrigo seguro pós-morte

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

A História da Paraíba nada teria sobre os índios Cariris e Tarairiús se não fossem os esforços de Maurício de Nassau e Elias Herckmans, mandatários da Companhia das Índias Ocidentais, que no período do governo holandês na Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, fizeram contatos com estas duas nações e até incluíram alguns de seus guerreiros no exército batavo. Os tarairiús praticavam o endocanibalismo - comiam os parentes mortos, pois acreditavam ser o mais seguro abrigo pós-morte de um ente querido. Os cariris, segundo o Pós-Doutor em arqueologia Juvandi de Souza Santos, do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, em Campina Grande, faziam enterramentos primários e secundários de seus irmãos de sangue.

Os tarairiús eram acobreados e viviam no mesmo estágio de desenvolvimento que os tupis e cariris. Juvandi afirma não ser possível delimitar o território desses povos, que como nômades, sempre estavam se deslocando. Tanto os cariris quanto os tarairiús se enquadram no que hoje os historiadores determinam de "tronco linguístico-étnico-cultural Macro-Jê. O padre Vicenzo Maniani ainda conseguiu resgatar uma gramática cariri, extraída de dialetos de duas tribos. Já a língua Tarairiú, não tem gramática referencial a não ser uma tese de mestrado de Sérgio Gomes, na UEPB, que supõe serem eles originários da Sibéria. Por que?

Baseado nos escritos de Nilton Maciel, Sérgio diz que os Tarairiús falavam um dialeto parecido com o dos lânguidos, etnia de cultura primária, que teria chegado à América nas duas levadas migratórias de povos da Ásia, ocorrida entre 20 e 28 mil anos atrás. E adianta que as características físicas dos tarairiús se assemelham aos dos povos yukaghires e kamachadales, primitivos habitantes da Sibéria, daí expulsos pelos cossacos. Já os cariris, mais enigmáticos, diziam ter vindo de uma terra onde havia um grande lago, daí a dedução de que seria o Rio Amazonas, ou o Lago de Maracaibo, na Venezuela. "Em municípios paraibanos do Brejo e Cariri, existem pessoas com características físicas dos cariris e tarairiús", explica Juvandi.

Os ascendentes cariris são perceptíveis em todo o interior paraibano, especialmente no Cariri. A comunidade de Sucuru, em Serra Branca, a 328 Km de João Pessoa, é de indivíduos semelhantes aos tarairiús. E a do Cabeçudo, em Casserengue, no Curimatáu paraibano. Os estudos de Juvandi o levam a afirmar que os cariris eram mais robustos e tinham a cabeça mais grossa e maior que a dos tarairiús, que ostentavam uma cabeça mais glacial e eram mais altos que os cariris. Ambas as nações eram dotadas de homens e mulheres de cabelos escorredios. Em termos de bravura e resistência física as duas nações se igualavam. Tarairiús e cariris eram chamados de Tapuias (estranhos) pelos tupis, na Paraíba representados pelas tribos potiguaras e tabajaras.

Em Morrer e Enterrar: Uma História dos Sepultamentos pré-históricos em Abrigos Rochosos na Paraíba, assunto amplamente debatido no 33º Congresso Brasileiro de Espeleologia, realizado em El-Dorado (SP), entre 15 e 19 de julho do ano passado, Juvandi aponta a importância dos abrigos rochosos do Sertão da Paraíba enquanto locais intensamente utilizados por grupos pré e pós contato, para atividades mágico-religiosas, especialmente para inumações. Através dos estudos dessas áreas, pode-se afirmar como viviam os cariris e tarairiús e porque praticavam esses rituais de morte. Os cariris enterravam seus mortos em cavidades rochosas naturais e a prova disto foi uma escavação realizada na APA das Onças, em São João do Tigre, que revelou diversos fragmentos de ossos humanos calcinados.



Equipes da Sociedade Paraibana de Arqueologia fazem escavações em cemitérios indígenas

FOTO: Reprodução/Internet

Tupis usavam urnas funerárias

Diferentes, os tupis, que habitaram do Litoral ao interior paraibano, enterravam seus mortos na aldeia ou em belas urnas funerárias, iguais às coletadas recentemente em Cuité, no Curimatáu paraibano. No caso dos cariris e tarairiús, a beleza cênica influenciava muito na escolha dos locais de sepultamento. Os estudos não revelaram, ainda, se estes dois últimos grupos indígenas descendem diretamente dos povos humanos pré-históricos, que conheciam a técnica da pintura e gravura rupestre, hoje encontradas em cavernas e grutas do interior paraibano. Pintores e paisagistas trazidos ao Recife por Maurício de Nassau, retrataram pessoas das nações tupi, cariri e tarairiús no

Século XVII.

Frans Post e Albert Eckhout chegaram ao Recife, respectivamente, em, 1637-38. Foram chamados por Maurício de Nassau, que os autorizou a retratar, ao vivo, os tipos humanos encontrados no interior nordestino, as paisagens, a flora e a fauna. Post passou sete anos no Brasil e retornou a Holanda em 1644, onde publicou suas gravuras, com grande sucesso.

Albert, por sua vez, entregou todo seu acervo a Nassau que presenteou boa parte dele ao rei Luís XIV, da França, em 1679. Daí a afirmação de Elias Borges, historiador Paraibano, que numa publicação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba denunciou a pre-



Na Paraíba, índios Tupis usavam urna funerária para sepultar os mortos. Esse utensílio foi encontrado recentemente em Cuité, na região do Curimatáu

sença de tacapes, plumagens e outras peças criadas pelos tarairiús num convento da Cracóvia (Polônia) e no Museu do Louvre (França), não havendo muita coisa desta nação no Brasil.



Dança ritual dos índios Tarairiús que teriam vindo da Sibéria

Pokémon GO

Aplicativo traz interatividade e muda rotina de pais e filhos

PÁGINA 27



Gastronomia

Bocuse d'Or Experience promoveu jantar no Roccia Cozinha Contemporânea

PÁGINA 28



Pokémon Go

Aplicativo que aposta na realidade aumentada virou febre também no Brasil

Jadson Falcão

Especial para A União

Depois de aguardarem ansiosamente durante quase um mês após o lançamento de Pokémon Go no Japão e nos países da América do Norte e Europa, os treinadores Pokémon do Brasil finalmente podem participar da nova febre mundial. Pokémon Go chegou ao país na quarta-feira passada, dia 3, e tem, em pouco tempo, modificado a realidade e o cotidiano de crianças, jovens e adultos em todos os cantos do país.

O game é a nova aposta da desenvolvedora de games norte-americana Niantic em parceria com a Nintendo e a The Pokémon Company, e traz funcionalidades e possibilidades de interação e de jogabilidade inovadoras, que prometem mudar drasticamente a forma como são explorados os jogos na atualidade.

A principal novidade trazida pelo game é a realidade aumentada presente no aplicativo, que permite que o jogador visualize os animais virtuais na tela de seu smartphone ou tablet como se estivessem no mundo real. Os pokémons estão espalhados pelo mundo e aparecem em localidades aleatórias e a qualquer momento, o que faz com que o jogador precise sair de casa para capturar os monstrinhos; outra grande inovação trazida pelo jogo.

A jornalista Janielle Ventura, de 22 anos, é fã da saga Pokémon desde a época em que o anime foi lançado, e tem aproveitado o tempo livre para rever o desenho e entender um pouco mais sobre o funcionamento dos Pokémons.

"Eu sempre fui muito fã de Pokémon, e inclusive eu já vinha reassistindo o desenho pelo Netflix muito antes do jogo ser lançado. Com a chegada do jogo no Brasil, eu voltei a ver para entender como batalhar melhor e melhorar meu desempenho no jogo", explicou.

Janielle afirmou que em sua jornada Pokémon tem contado com a ajuda de seu pai, que facilita para ela a obtenção dos itens necessários para dar continuidade ao jogo como as Pokébolas, as porções de recuperação de força e os doces que ajudam na captura dos bichinhos. Esses itens podem ser retirados nas Pokéstops, locais aleatórios - geralmente pontos turísticos, igrejas e obras de arte - também espalhados pelo mundo.

"Já sai com meu pai de moto várias vezes pra gente jogar por aqui. Ele pilotando a moto e eu atrás pegando os Pokémons e pegando os itens nas Pokéstops. Isso é muito legal", contou ela empolgada.

Janielle afirmou que, para ela, o sucesso do jogo se deve à realidade aumentada, à interatividade e a reunião de amigos que este proporciona. "Acredito que você ter que sair de casa para caminhar com seus amigos e chamá-los para jogar é um dos principais fatores para toda essa febre. Você passa mais tempo junto com eles se divertindo e querendo pegar pokémons, como aconteceu no último evento onde uma galera surpreendente se reuniu para caçar pokémons na praia", afirmou.

O evento ao qual a jornalista se referiu foi criado no facebook por um grupo de amigos e aconteceu no sábado, dia 6, no Busto de Tamandaré, em João Pessoa. Intitulado de "Caçada Pokémon em Jampa", a primeira grande reunião dos caçadores na cidade contou com a presença de centenas de jogadores ansiosos.

O jogo traz consigo um grande potencial para os pontos comerciais, uma vez que lugares que são Pokéstops e Ginásios - locais de batalha onde acontecem a constante de jogadores aos locais. No Japão, a rede de fast foods McDonald's é uma das patrocinadoras das disputas entre os Pokémons que também estão presentes no jogo - atraem a presença nova febre mundial, e os cerca de 3 mil restaurantes da rede espalhados pelo País agora são ginásios ou Pokéstops.

Surgimento da Série

Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas que não são familiarizadas com o universo Pokémon, a série de sucesso mundial surgiu não a partir do famoso anime, mas sim dos jogos "Pokémon Red" e "Pokémon Blue", lançados na década de 90 pela fabricante japonesa de jogos eletrônicos, Nintendo. Os dois jogos se tornaram sucesso em todo o mundo e deram origem a dezenas de outros lançados pela Nintendo que, por sua vez, foram seguidos pelo anime - que está atualmente em sua 19ª temporada -, e por cartas colecionáveis, filmes, mangás e brinquedos de todos os tipos envolvendo os pequenos animais que tem superpoderes.

A franquia Pokémon é até hoje uma das franquias de jogos mais lucrativas do mundo, e continua fazendo a cabeça de muitas crianças, jovens e adultos, tendo sido incorporada permanentemente na cultura pop não somente do Japão, mas de todo o Ocidente.

Para além do lançamento de Pokémon Go - que vem ocorrendo desde o mês passado -, a Nintendo agendou para novembro desse ano a chegada de dois novos jogos da franquia para vídeo games, chamados de "Pokémon Sun" e "Pokémon Moon". Os novos jogos devem trazer 31 novas criaturas, que chegam para se somar às 721 já existentes.



FOTO: Arquivo Pessoal
Jornalista Janielle Ventura



FOTO: Reprodução Internet
Esta é a mais nova aposta da desenvolvedora de games norte-americana Niantic em parceria com a Nintendo e a The Pokémon Company

Jogo encanta tanto os pais quanto os filhos

Pokémon Go tem proporcionado momentos de diversão e reunião não somente a amigos que se unem em grupos para jogar, mas também a pais e filhos, que têm se aproximado cada vez mais com a nova rotina de sair em busca dos bichinhos.

O analista de sistemas, Marcus Philippe, de 32 anos, garante que a relação com o filho Davi vem melhorando com a chegada do jogo por aqui. Segundo ele, a dupla agora faz questão de sair de casa e passear, justamente para ir capturando os monstrinhos no jogo.

"O jogo mudou nossa rotina. Desde que foi lançado aqui no Brasil, a gente passou a sair junto para todo canto, e meu filho que não gostava muito de sair, agora usa tudo como um pretexto para sair junto. Se eu vou fazer uma caminhada ele vai junto, e a gente fica ajudando um ao outro", explicou.

Marcos afirmou que considera muito importante acompanhar o filho na jornada Pokémon porque isso estreita os laços entre pai e filho. "A gente acaba passando mais tempo junto, e isso fortalece nossa relação e ajuda a nos aproximar", afirmou ele, que acredita que o jogo traz um novo paradigma no mundo dos games.

"Acho o game bem interessante e divertido pelo fato de os Pokémons aparecerem nos lugares que você vive. Já capturamos muitos Pokémons, e no evento que aconteceu sábado era um ajudando o outro e chamando o outro pra capturar", observou.

O pequeno Davi, de 10 anos, afirmou gostar de Pokémon Go por ser um "jogo bem diferente", que o possibilita passar mais tempo com o pai. "Eu gosto de jogar com o meu pai porque a gente sempre pega muitos Pokémons juntos, é muito legal. A gente sempre se ajuda e quando um não pega, o outro vai lá e consegue", explicou o garoto.

Outras aplicações

Os benefícios trazidos pelo game vão além da diversão instantânea e de mera descontração. Pokémon Go tem sido bastante útil também a pessoas que sofrem de depressão e ansiedade, ajudando-os a sair de casa para capturar o maior número possível de bichinhos.

De acordo com o especialista em



FOTO: Reprodução Internet
Analista de sistemas Marcus Philippe garante que agora melhora sua relação com o filho



FOTO: Arquivo Pessoal
Laços familiares estão ficando melhor

realmente me ajudado com minha depressão. Se você está depressivo e encontra alguma coisa que te traz pelo menos um pouquinho de felicidade, te fazendo levantar de sua cama pelo menos um pouco, não importa o que isso seja, e nem o que outras pessoas falem sobre isso, continue. Continue por você", escreveu a garota na rede social.

Nos Estados Unidos, o jogo tem ajudado também crianças em sua difícil rotina durante o tempo em que estão internadas. O hospital infantil universitário C.S. Mott Children's, que fica no estado de Michigan, decidiu usar o jogo dos monstrinhos para fazer as crianças saírem de seus leitos, melhorando assim o tratamento, pois, como se sabe, incentivar o paciente a ficar animado e feliz ajuda a acelerar a melhora em diversos casos clínicos.

Em um vídeo publicado no YouTube, o gerente de Mídia Digital e especialista infantil do hospital, J.J. Bouchard, explicou que o aplicativo é "uma forma divertida de incentivar a mobilidade dos pacientes", e tem ajudado a fazer o hospital parecer "menos assustador para as crianças".

Ainda segundo ele, o jogo faz as crianças hospitalizadas saírem da cama e tem sido utilizado como forma de terapia física e ocupacional para elas. O edifício do C.S. Mott Children's conta com várias Pokéstops e um ginásio em suas dependências.

saúde mental, John Grohol - em entrevista ao site Psych Central -, ainda que a experiência do jogo seja obtida online, realizar atividades básicas do cotidiano pode parecer impossível para alguém que sofre com distúrbios de humor, e Pokémon Go tem ajudado diversas pessoas com relação a isso.

Não é difícil encontrar nas redes sociais testemunhos de pessoas que dificilmente saiam às ruas e que, depois da chegada do jogo, passaram a sair e andar quilômetros, num exercício que beneficia não somente o corpo, mas também a mente.

A usuária Zaiana Samin desabafou no twitter e afirmou que o game tem a ajudado bastante em seu quadro de depressão. "Pokémon Go tem

PITADA

Hoje, Dia dos Pais, me permitam falar do Meu, Bráulio Maia, que na sua sabedoria obtida pelo mundo nos trouxe vários ensinamentos de conduta, boa convivência e principalmente integridade e honestidade.

Mas não poderia faltar também a gastronomia. Sua forma de preparar um bom caranguejo desbanca qualquer Mise en Place e sua medida de ingredientes desmedida deixa uma receita sem sentido, porque se mede pelo olhar; mas, mesmo assim, fica um sabor incomparável. Basta perguntar a quem já provou.

Desde a perda de Nossa inesquecível Mãe, Zelia Maia, Seu Bráulio tem tido a capacidade de nos unificar cada vez mais como Família e nos contagiar com sua alegria de viver nos seus 84 anos. Neste domingo não teremos caranguejo, mas degustaremos o mais importante: a companhia de nossa barafúta, do contador de causos, do inventor, das suas peraltesas a dizer que envelhecer é inevitável, porém, ficar velho é opção e, por fim, do homem embruteado pelas circunstâncias da vida e enternecido pela sua capacidade de amar e se doar.

Parabéns a Todos os Pais.

Boa Degustação.

COLONISTA

Fabio Maia

Professor, gastrônomo, apresentador do programa semanal de TV Degustando Conversas (disponível também no youtube.com/degustandoconversas), escritor da coluna Gustare (paraibaonline.com.br), palestrante e amante da boa gastronomia.

(83) 98604-4633

planetassabor@uoi.com.br



Bocuse d'Or Experience

Tivemos no último dia 9 de agosto às 20h no Roccia Cozinha Contemporânea a Experiência Bocuse d'Or, tendo como anfitrião o Chef Onildo Rocha. O jantar promovido pela equipe brasileira do Bocuse d'Or na capital de toda Paraíba é o primeiro de quatro jantares promovidos em capitais brasileiras.

Os quatro jantares visam arrecadar fundos para o treinamento da equipe que irá representar o Brasil naquela que é considerada a Copa do Mundo da Gastronomia: o Bocuse d'Or, que será realizado em Lyon, na França.

O menu teve pratos do Chef Onildo Rocha e outros apresentados no Bocuse d'Or Brasil 2016 pela vencedora das etapas brasileiras e latino-americana do Bocuse d'Or 2015/2016 e

candidata ao mundial em Lyon Chef Giovanna Grossi. Dentre vários pratos, pude degustar o filé mignon negro com tuile de cúrcuma, bombom de foie grás, creme de macaxeira e molho de pitanga. Prato simplesmente delicioso. Na oportunidade tivemos a presença da do principal discípulo do lendário Paul Bocuse, o Chef Laurent Saudeau, responsável pela equipe brasileira.



RECEITA DA SEMANA

QUEM PAGA O PATO?

Dando continuidade ao nosso périplo nas cozinhas dos restaurantes paraibanos, visitei o Roccia Cozinha Contemporânea, localizado no Hotel Cabo Branco Atlântico, Av. Cabo Branco, 4542, do Chef Onildo Rocha

A proposta de Onildo não é apenas a de oferecer uma comida de alto nível e que surpreenda os clientes de seu restaurante. A sua preocupação se expande também à cadeia produtiva, principalmente com os produtos que não encontram mais espaço no campo para serem cultivados, como é o caso do

arroz da terra, que praticamente sumiu da mesa do nordestino. Consciente da importância histórica do arroz da terra para o sertanejo, que é muito rico em nutrientes, o chef não só trabalha com esse produto no seu restaurante como faz questão de levá-lo para os quatro cantos do País, sempre que participa de eventos gastronômicos.

Provamos o arroz vermelho de Pato harmonizado com vinho da vinícola Pizzato do lote exclusivo Roccia cuja receita apresentamos abaixo para vocês.



ARROZ VERMELHO DE PATO

- Classificação: prato principal
- Tempo de preparação: 4h30min
- Dificuldade: Difícil
- Porções: 1 Pessoa

Para esta receita do Roccia Cozinha Contemporânea do Chef Onildo Rocha vamos precisar de:

Ingredientes

Para massa

- 20g de abobrinha italiana cortada em cubinhos
- 10g de alho picado
- 20g de alho-poró em lâminas
- 30g de cebola picada
- 20g de cenoura picada
- 10g de cogumelo Paris
- 15g de manteiga sem sal
- 28g de queijo de coalho
- 500g de coxa e sobre-coxa de pato (un)
- 300 ml de gordura de pato, de porco ou vegetal
- 2 Folhas de louro

Papel alumínio para cobrir

- 40g de arroz castanho
- 210 ml de água ou caldo de legumes
- 210 ml de vinho branco ou caldo de pato
- 2 g de tomilho
- Pimenta-do-reino branca à gosto
- 10g de pimenta rosa
- Sal à gosto
- ½ kg de sal grosso
- 10g de azeite

Utensílio

- 3 panelas médias
- 3 espátulas pão duro

Preparação

Modo de preparo do pato

- 1 - Observação: Para 40g de arroz - será + ou - 200ml de blend de líquidos.
- 1 - Marine o pato em 500g de sal por 2 horas
- 2 - Tire do sal e lave-o.
- 3 - Coloque o pato, o azeite, a pimenta rosa e 1 folha de louro, numa pequena forma ou numa panela que possa ir ao forno e cubra com a gordura que tiver.
- 4 - Cozinhem por 4h em fogo muito baixo sem abrir o forno.
- 5 - Em seguida, retire do forno e tente retirar o osso da sobrecoxa. Se sair facilmente, está pronto.
- 6 - Separe a coxa e desfie o restante, conservando a coxa com o osso.
- 7 - Reserve-a para decorar o arroz.

sem sal.

- 2 - Em seguida, coloque o arroz vermelho, doure até que fique morno.
- 3 - Coloque os líquidos aos poucos, sempre no fogo médio, até ficar pronto, "al dente".

Modo de preparo para a garnitura e finalização do arroz:

- 1 - Com a manteiga restante, comece a cozinhar os legumes.
- 2 - Primeiro a cebola, depois o alho, depois a cenoura, a abobrinha e, em seguida, o alho-poró e então coloque a carne desfiada e, logo depois, o arroz "al dente" e o resto dos líquidos.
- 3 - Decore com a coxa e uns cubinhos de manteiga.

Dica do Chef Onildo Rocha: O ideal é preparar o Arroz Vermelho de Pato, onde será servido.

Vamos cozinhar?

Modo de preparo do arroz:

- 1 - Numa panela, acrescente 1 colher de sopa de gordura do pato e 10g de manteiga

Coluna do Vinho

Foi quase certamente o primeiro vinho a ser feito propositadamente de uvas secas e botrytizadas; acreditando-se que tenha surgido em meados do século XVII, pelo menos um século antes dos vinhos doces similares começaram a ser feitos na Região do Reno. O Sauternes doce também é mais recente em sua origem, embora sua data de início seja obscura.

Por volta dos anos 1700, os vinhos de Tokaj eram tão importantes, que foi quase certamente o primeiro vinho a ser feito propositadamente de uvas secas atacadas pelo fungo Botrytis Cinérea. O seu soberano, o príncipe da Transilvânia (da família Rakoczi) criou a primeira classificação de vinhedo registrada, enquadrando os vinhedos de Tokaj em lotes "primeae", "secundae" e "terdial".

Em alguns aspectos, o Tokajhegyalya (montes Tokaji) compara-se com o Côte d'Or da Borgonha. Os vinhedos ocupam uma área semelhante na parte inferior e nos meios das encostas, apesar de seus morros serem muito mais altos. Os melhores locais tendem a ser nas encostas mais baixas, alguns em solos vulcânicos puros, outros em loess mornos e claros. Além disso, os crescimentos de pri-

Tokaji famoso vinho húngaro conhecido no ocidente como tokay é um vinho suntuosamente rico e escolha certa dos czares russos e reis da Polônia e também dos imperadores da áustria e até Luiz-xv Parte - 02

meira, segunda e terceira classes correspondem até certo ponto aos grandes e primeiros crus e os vinhos de aldeias da Borgonha.

Como a Côte d'Or, Tokaji também tem adegas excelentes, mas aqui elas são túneis estreitos cavados na tufa vulcânica, por vezes, vagueando por um quilômetro ou mais, cheias de fungos pretos e úmidos simples ou duplos de pequenos barris de 136 litros, geralmente enegrecidos pela idade. O tempo da colheita é muito tardio, atrasado, de preferência até que o sol, alternando com as noites de neblina, onde os rios Bodrog e Tisza tornam as colinas, produzindo uma grande infestação de botrytis. Mas ao contrário de Sauternes, ou qualquer outro vinho, Tokaji Aszú é feito em duas fases: inicialmente, um vinho base totalmente fermentado; depois, as uvas secas e murchas por causa do botrytis

ou simplesmente desidratadas, são colhidas e maceradas com o vinho base, ou o mosto fermentado tudo para absorver a sua doçura e seus aromas altamente concentrados.

Tais vinhos com intensa e concentrada doçura, aromas de frutas secas, equilibrados em sua acidez marcante; podem ser extremamente penetrantes quando são jovens, deixando a boca com uma nitidez limpa apesar de seu alto teor de açúcar. Com a idade, eles ganham corpo e complexidade mágicos sem perder sua característica limpa e fresca. Os vinhos mais ricos das melhores safras podem envelhecer tranquilamente por até um século ou mais. Mais importante como o grau de doçura é a qualidade singular do vinho. Um punhado de grandes locais é celebrado há séculos, e vinhos de vinhedo único deles oriundos estão sendo liberados agora. Dois

locais na comuna de Tareal têm sido historicamente considerados os melhores de todos: Sgarvas (propriedade do Estado) e o Mezés Mály.

Mas os Tokaji Aszú não podem mais ser o único produto da região como acontecia com os Ausleses na Alemanha. A bebida regular é um vinho de mesa seco, em grande parte feito de Furmint, que pode ser admiravelmente vivo e ardente. O Aperitivo ou Vinho de Sobremesa menos luxuoso é o Tokaji Szamorodni - literalmente "o que vier", o que significa que o vinho é todo colhido sem qualquer seleção de uvas botrytizadas. Sua versão "Seca" pode ser semelhante ao Jerez com sua picância distinta. Há outro estilo de vinho feito por alguns produtores. São os Forrtás, esmagando-se o bagaço outra vez, depois que a mistura do Aszú foi prensada e, em seguida adicionando-se vinho seco para uma fermentação adicional. O resultado pouco satisfatório é um vinho de estilo entre Szamorodni e Aszú. Como o Tokay é um vinho incomum, talvez seja necessário voltarmos ao assunto com mais detalhes.